

O Estado de S. Paulo

7/6/1987

A criatividade da iniciativa privada

A iniciativa privada é a grande responsável pela vitalidade da região de Ribeirão Preto, afirma o ex-ministro da Indústria e do Comércio, Roberto Gusmão, estabelecido em Ribeirão Preto como diretor de indústria e proprietário rural. "A interferência estatal tem sido mínima e isso é um aspecto favorável", acrescenta, observando que tanto os agricultores, como os comerciantes e industriais usam reinvestir na própria região, "porque ela apresenta condições de progresso".

Gusmão não deixa de apontar a "má administração pública na região, como de resto acontece em todo o País", mas acha que "com a criatividade dos empresários, principalmente os da agricultura, os problemas são superados, em busca do aumento da produção e do bem-estar social": Na região, não há latifúndio improdutivo, nem terras inexploradas, diz o ex-ministro, ressaltando que não foi necessário o Estado intervir para impor uma reforma agrária, que ocorreu naturalmente.

Com efeito, os dados apresentados pela Dira (Divisão Regional Agrícola) de Ribeirão Preto demonstram que, do total de 34.137 propriedades rurais, mais da metade se situa com extensões entre 21 e 200 hectares. "Temos uma agricultura de uso intensivo de insumos modernos, com níveis de produtividade acima da média do Estado", destaca Genésio de Paula e Silva, diretor da Dira, citando, também que existem quase 50 mil tratores na região.

VOCAÇÃO PARA A TERRA

O produtor rural da região destaca-se pelo seu grau de profissionalismo, vocação e, em geral, pela tradição de amor à terra, entendem técnicos da Dira, Aurélio Benedini, filho de imigrante italiano, é um exemplo disso. Ele conta, com orgulho, que sua família já está na quinta geração dedicada à agricultura, desde o avô, Antônio, que chegou em 1888, quando se acentuou a imigração para substituir o trabalho escravo.

O pai de Aurélio, Atílio, tinha três anos quando saiu da Itália. De seus 15 filhos, os oito homens se tornariam agropecuaristas. Um aparelho de irrigação para café e cereais que Atílio Benedini instalou em 1953, aperfeiçoado, ainda funciona—agora para alfafa, aveia e hortaliças—na fazenda que hoje pertence a Aurélio. O cultivo de cana, café, cereais e a exploração pecuária dessa fazenda, situada em Cravinhos, é a própria síntese da diversificação agrícola regional.

A GRANDE PRODUÇÃO

Nos 80 municípios da região, a cana-de-açúcar ocupa área de 720 mil hectares, dos quais 120 mil, correspondente à taxa anual de renovação, se destinam a outros produtos, em rotação; o milho é a segunda maior cultura, com 320 mil ha; laranja, 300 mil; soja, 223 mil, café, 164 mil; arroz, 66 mil; algodão, 47 mil; e amendoim das águas, 33 mil ha; ainda há outras culturas, enquanto as pastagens ficam com 1.036 mil de 3.611.252 hectares, que é o total da extensão regional.

É a região que mais produz amendoim, arroz, cana, feijão, milho soja, goiaba, laranja, limão e manga, no Estado; fica em segundo na produção de algodão, café, cebola e girassol; terceiro em tomate, abacate e abacaxi. Conta ainda com culturas de batata, mamona, mandioca e alho. Principal bacia leiteira paulista, apresenta a média de 750 mil litros/dia. Produz também 5 milhões de frangos e 2,1 milhões de dúzias de ovos, por mês.

"A agroindústria, diante desse quadro, assegura o inter-relacionamento das atividades econômicas, fortalecendo a região", expressa o jornalista Fernando Brisola de Oliveira, assessor de imprensa das usinas e destilarias que tomam "Ribeirão Preto o maior pólo sucroalcooleiro do mundo, sem prejuízo da produção de alimentos". Além de outras, cita que a agroindústria de citros, respondendo por 70% da exportação brasileira de suco de laranja, é também exemplo de aproveitamento regional da matéria-prima.

BOIAS-FRIAS BENEFICIADOS

No ano passado, somando todos os produtos, a região exportou em torno de US\$ 1,5 bilhão. "Acho que eu ajudei um pouco", manifesta Pedro José da Silva, bóia-fria de Bebedouro, apanhador de laranja, numa frase que poderia ser dita também pelo cortador de cana de Guariba. Nessas duas cidades, houve um levante em 1984, reclamando direitos trabalhistas que até então não alcançavam o trabalhador rural.

Depois, houve novas greves. Hoje, segundo os empresários, os bóias-frias da região situam-se entre as categorias de melhor remuneração do País. Quantos existem, as estatísticas oficiais não indicam, cem ou 200 mil, que nesta época estão colhendo cana, laranja e, também, café, cultura que ainda se mantém importante e não apenas nas áreas de solo mais acidentado, como é o caso de Franca, mas também bem próximo, a 20 km, de Ribeirão Preto, onde Horácio Coimbra cultiva 200 mil pés, com a sustentação de amplas tulhas de 20 mil m² de terreno, em torno do dia correm vagonetas em estreitos trilhos, carregando a produção.

Em outro ponto, cultiva-se trigo, feijão, tomate e outras culturas de inverno. Guaíra — com o melhor índice da América Latina — tem mais de dez mil dos 85 mil hectares sob irrigação artificial, na região. Em Pitangueiras, está a maior criação de porco-carne do Estado: em Orlândia, cavalos da raça Mangalarga continuam sendo aprimorados; em Mombuca, distrito de Ribeirão Preto, a colônia japonesa cuida do bicho da seda.

Dizendo que poderia citar muito mais, o diretor da DIRA, Genésio de Paula e Silva, destaca o espírito empreendedor do agricultor da região. "E não é apenas porque o solo é bom", ressalta. Concordando ele, o ex-chefe da Estação Experimental de Ribeirão Preto, Antônio Junqueira Reis, "só para citar um exemplo", lembra que o café hoje é plantado também em terras do cerrado, antes consideradas impróprias para o seu cultivo.

"Martinho Prado Junior tinha toda razão quando, através de A Província de S. Paulo (atual O Estado) ainda no século passado, prejudicava um grande futuro para esta região", manifesta o historiador José Ferreira Carrato. É nesta região que, registrando no despejo dos esgotos sanitários pelas prefeituras nos cursos d'água, o seu maior problema de poluição ostenta também o menor índice de mortalidade infantil do Estado: 26,81 por mil nascidos vivos contra a média paulista de 36,45.

(Ribeirão Preto/Ag. Estado)

(Página 39)